

Rodrigo Rossi – Paz

Pela rua havia saído
Munido de uma rosa
E muito sorumbático
Pois não conseguia entender
Como uma guerra a rosa poderia vencer.

E macambúzio pela rua segui
Até ao longe avistar,
Uma vida a me observar.
Ao chegar mais perto percebi
Não passar de um coelho.
Porém, a partir daquele encontro,
Não poderia eu imaginar
De que forma iria minha vida mudar.

O coelho me dirigiu a palavra,
Abismado fiquei.
Mas prossegui seu diálogo
E minha pergunta veio à tona:
Que desejas coelhinho?
Isso não és tu quem deves perguntar – foi sua resposta.
Invadistes meu território,
Roubastes minhas flores,
Mas dê-me desta rosa uma pétala
Que feliz sairei.
Da rosa, então, arranquei um pedaço,
Oferecendo ao coelho.
Ele sorriu, foi embora, sumiu.

Ainda mais confuso segui minha trilha
Com muita disposição
E ao longe avistei um passarinho
Que veio comigo falar.
Que desejas passarinho?
Isso não és tu quem deves perguntar – resposta que me deixou

embaraçado.

Poluístes meus céus

E minhas asas arrancastes, já não posso mais voar.

Mas dê-me desta rosa uma pétala

Que feliz sairei.

Novamente minha rosa feri

E uma pétala ao passarinho eu dei.

Ele alegre cantou, se reergueu, e conseguiu voltar a voar.

Não pude mais avistá-lo

Mas minha trilha continuei

Ainda mais empolgado.

Quando, de fininho, avistei outra forma de vida.

Que desejas tartaruga? – Perguntei

Isso não és tu quem deves perguntar – já era sina.

Poluístes minhas águas,

Destruístes meu casco,

Não posso mais me proteger.

Mas dê-me da rosa uma pétala

E feliz sairei.

Em ponto de pranto

Uma pétala de rosa arranquei

E à tartaruga, de coração, ofereci.

Ela me olhou, sorriu,

E lenta como sempre,

Andou, andou e desapareceu.

Só uma pétala me restava

E comigo por muito tempo não estaria

Pois andando pela estrada

Um grande felino encontrei.

O que desejas, felino?

Isso não és tu quem deves perguntar – já esperava a resposta.

Queimastes minhas matas,

Aleijastes minhas patas,

Mas da rosa dê-me sua derradeira pétala

Que feliz sairei.

Magoado, mas sem saída, minha rosa pudei
E a pétala, amigavelmente, eu ofereci.

Mas a rosa não morreria
E seu sangue não escorria.
Pelo contrário
Dentro de mim cada vez mais os sentimentos cresciam.
E assim, olhando aquele caule,
Ainda verde, firme e forte,
Tão forte que nem a morte conseguia vencê-lo,
Segui minha trilha, muito mais alegre e encorajado.

Mas de repente a brisa em vento se transformou
E relâmpagos riscavam lindos desenhos no céu.
E lá estava eu
Sozinho, desprotegido.
Mas logo em frente
Uma cabana aos poucos se formou
E nela me instalei

E lá havia um velho homem sentado em frente à lareira
Com uma rosa em sua mão.
O que desejas, meu jovem – ele me perguntou
Chove muito lá fora e o vento está a ponto de congelar-me –
respondi.

O velho em minha direção veio,
E ao avistar o caule em minha mão
De instante questionou:
Sua rosa, quem a destruiu?
Então lhe contei:
Um coelho desgraças me contou,
Vendo meu erro uma pétala a ele eu dei, e ele saiu satisfeito.
Me veio então um passarinho, sem forças para voar,
Então uma pétala lhe dei, e satisfeito seu dom pode retomar.
Então uma tartaruga me parou
E, comovido, uma pétala também lhe dei.
A última pétala a um felino ofereci

Para que em paz sua vida pudesse prosseguir.

Então o velho imediata e imponentemente me falou:

Sua rosa não morreu, muito pelo contrário,

Ela continua viva, e mais forte que nunca.

Uma rosa vive em cada um de nossos corações

E quando parte dela para a vida oferecemos

Ela se torna mais forte, e suas pétalas se renovam.

E quando todos disso se derem conta

Poderemos a paz obter.

E a cada passo dado avançamos em nosso objetivo maior

Que é o direito de todos em harmonia viver.

Rodrigo Rossi, Amores e Dissabores